



EDIFÍCIO MARIA JOAQUINA: Origens da Arquitetura Moderna em Cuiabá, MT.

EDIFICIO MARIA JOAQUINA: Orígenes de la Arquitectura Moderna en Cuiabá, MT.

MARIA JOAQUINA BUILDING: Origins of Modern Architecture in Cuiabá, MT.

EVILLYN BIAZATTI DE ARAÚJO; RICARDO SILVEIRA CASTOR; VICTÓRIA FERREIRA SOARES TAPAJÓS

1. Arquitetura e Urbanismo, 7º período, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET), Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900
evillynaraujo@gmail.com
<http://www.ufmt.br/ufmt/site/>
2. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – USP (2013), Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET), Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900
rscastor@gmail.com
<http://www.ufmt.br/ufmt/site/>
3. Arquitetura e Urbanismo, 7º período, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET), Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900
victapajos@gmail.com
<http://www.ufmt.br/ufmt/site/>

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa as qualidades históricas e arquitetônicas do edifício Maria Joaquina de Moraes, primeiro condomínio residencial vertical de Cuiabá, projetado pelo Engenheiro Cássio Veiga de Sá, na década de 1960. Situado na área de entorno do centro histórico da cidade, o edifício de 15 andares



segue uma série de preceitos da corrente da arquitetura moderna brasileira desenvolvida entre os anos 1930 e 1960, comumente designada de Escola Carioca. Dentre as justificativas deste estudo, ressalta-se a importância de pesquisar e divulgar o acervo arquitetônico modernista do estado de Mato Grosso, com vistas ao seu reconhecimento e preservação. Busca-se, assim, estabelecer relações entre o ideário da linguagem modernista e as transformações urbanas de Cuiabá, intensificadas com a construção de Brasília e a expansão das fronteiras agrícolas rumo ao norte do Estado, nas décadas de 1960 e 1970. Como metodologia de investigação, a pesquisa serve-se de dados coletados em visitas técnicas, levantamentos *in loco* e entrevistas com os residentes e funcionários do edifício. Recorreu-se, a título de comparação, a obras referenciais e antecedentes históricos significativos para a compreensão das matrizes cariocas e corbusianas do edifício cuiabano, resultando em uma breve compilação da história da arquitetura moderna de Cuiabá.

Palavras-chave: Escola Carioca; Cuiabá; Modernismo.

RESUMEN

Este artículo presenta y analiza las cualidades históricas y arquitectónicas del edificio María Joaquina de Morais, primer condominio residencial vertical de Cuiabá, proyectado por el Ingeniero Cássio Veiga de Sá, en la década de 1960. Situado en el área de entorno del centro histórico de la ciudad, el edificio de 15 pisos sigue una serie de preceptos de la arquitectura moderna brasileña, desarrollada entre los años 1930 y 1960, comúnmente designada de Escuela Carioca. Entre las justificaciones de este trabajo, se resalta la importancia de investigar y divulgar el acervo arquitectónico modernista del estado de Mato Grosso, con miras a su reconocimiento y preservación. Se busca, así, establecer relaciones entre el ideario del lenguaje modernista y las transformaciones urbanas de Cuiabá, intensificadas con la construcción de Brasília y la expansión de las fronteras agrícolas hacia el norte del Estado, en las décadas de 1960 y 1970. Como metodología de investigación, la investigación se sirve de datos recolectados en visitas técnicas, levantamientos *in loco* y entrevistas a los residentes y funcionarios del edificio. Se recurrió, a modo de comparación, a obras referenciales y antecedentes históricos significativos para la comprensión de las matrices cariocas y corbusianas del edificio cuiabano, resultándose en una breve compilación de la historia de la arquitectura moderna de Cuiabá.

Palabras clave: Escuela Carioca; Cuiabá; Modernismo.

ABSTRACT

This article presents and analyzes the historical and architectural qualities of the Maria Joaquina de Morais building, the first vertical residential condominium in Cuiabá, designed in the 60's by the engineer Cássio Veiga de Sá. Located in the area surrounding the historical center of the city, the 15-story building follows a series of precepts of the modern Brazilian architecture developed between the 30's and 60's, commonly called Carioca School. The survey is justified by the importance of researching and disseminating the modernist architectural collection of the state of Mato Grosso, with a view to its recognition and preservation. It seeks to establish relations between the ideology of the modernist language and the urban transformations of Cuiabá, intensified with the construction of the city of Brasília and the expansion of agricultural frontiers towards the north of the State in the 60's and 70's. As for there search methodology, the survey uses data collected on technical visits, on-site surveys and interviews with residents and building staff. The study also approached reference works and significant historical antecedents in order to understand the influences of the Carioca School and Le Corbusier on the study object, resulting in a brief compilation of the history of the modern architecture of Cuiabá.

Keywords: Carioca School, Cuiabá, Modernism.



EDIFÍCIO MARIA JOAQUINA: ORIGENS DA ARQUITETURA MODERNA EM CUIABÁ, MT

Pode-se dizer que a arquitetura moderna chega a Mato Grosso por volta de 1870 ou na década de 1930, a depender do que se entende por moderno. Em sentido amplo, esse termo tem sido empregado para qualificar as mais diferentes formas de expressão tecnológica ou artística, consideradas avançadas em relação aos padrões do período imediatamente anterior. Sob essa ótica, seriam consideradas modernas as diferentes inovações associadas à arquitetura eclética, que começaram a se disseminar por Cuiabá e outras cidades da região após a Guerra da Tríplice Aliança (1865-70). A subsequente reabertura da navegação pelo rio Paraguai veio acompanhada de novidades construtivas e estilísticas importadas da Europa e dos países vizinhos que, implantadas por profissionais especializados de mesma procedência, mudaram a fisionomia das vilas e cidades locais.

No caso de Cuiabá, o ecletismo chocou-se com uma estrutura urbana remanescente do ciclo do ouro que deu origem à cidade em 1719. Ruas estreitas de contornos tão sinuosas quanto as curvas de nível que teriam direcionado seu traçado, casas e sobrados simples de taipa ou adobe faceando a rua e os limites laterais do lote, com cobertura de duas águas em palha ou telhas de barro, entre outros atributos típicos do urbanismo colonial luso-brasileiro. Nesse contexto, é fácil chamar de moderna a arquitetura responsável pela introdução das platibandas, calhas, água encanada, tijolos cerâmicos, janelas e bandeiras envidraçadas, das casas com porão alto, com recuos e acessos laterais, etc.

Ocorre que o conceito de moderno adotado nesta pesquisa é mais restritivo, definindo-se não apenas por oposição ao tradicional, mas ao próprio conceito de antiguidade. A arquitetura moderna, assim entendida, é aquela dotada de valores avessos ou alheios ao



mundo clássico, à visão de mundo fundada na ideia de mimese (RAJA, 1993, p. 50). Essa arquitetura de matriz iluminista exclui, por definição, toda forma de revivalismos miméticos, sejam os modelos extraídos do passado ou da natureza. É o caso do ecletismo oitocentista. Ao menos em terras mato-grossenses, o ecletismo foi um movimento pródigo em conquistas técnicas, tipológicas e compositivas derivadas da era industrial, mas que não se propôs a lhe emprestar um código expressivo próprio e inconfundível.

Excluídas por questões metodológicas as contribuições do ecletismo historicista, deve-se buscar no final dos anos 1930 os verdadeiros precursores do processo de modernização da paisagem urbana e arquitetônica de Mato Grosso.

A estrada de ferro Noroeste do Brasil inaugurada em 1914, entre Bauru, no interior de São Paulo, e a localidade de Porto Esperança, às margens do rio Paraguai, incrementou a economia e a rede urbana sul mato-grossense, sob sua zona de influência. Na década de 1920, a construção de um conjunto de quartéis em diferentes cidades sulistas de Mato Grosso teve contribuição decisiva nesse processo. A Companhia Construtora de Santos, encarregada da execução dos quartéis, levou a Mato Grosso o arquiteto alemão Frederico João Urllass (1902-1960), que teve papel pioneiro no processo de renovação da arquitetura local, ao atuar sob influência do estilo *art déco* em Campo Grande e Cuiabá.

Na porção norte daquele antigo território estadual, correspondente aos atuais limites políticos de Mato Grosso, o isolamento geográfico impôs ritmo próprio à história de modernização. A agência dos Correios e Telégrafos de Cuiabá, construída em 1937, abriu uma nova página nessa história ao romper com a tradição historicista prevalecente em Mato Grosso desde o século 19. Sob forte influência *art déco*, o prédio de dois pavimentos ladeia uma das praças históricas da cidade, o antigo largo da Sé, tirando proveito de seu lote de esquina. Comparando sua estrutura modular com as outras



agências do período espalhadas pelo Brasil, nota-se o versátil sistema de padronização projetual que otimiza sua construção e identidade institucional (SEGAWA, 1999, p. 69). A volumetria tripartite, com base e coroamento bem marcados, a contenção geométrica e a monumentalidade do pórtico central completam sua tríade de referências: clássicas na composição, *art déco* na linguagem decorativa e modernas no sistema projetual.

Dois anos depois, um conjunto significativo de obras públicas transformaria a cena urbana de Cuiabá, desta feita financiadas pelo governo estadual, com o apoio do presidente Getúlio Vargas. As “Obras Oficiais” do Governo Júlio Müller inscrevem-se no contexto da Marcha para o Oeste, programa de desbravamento do Brasil central e integração do território nacional lançado durante o regime do Estado Novo (1937-45). Nesse período da Era Vargas, Cuiabá recebeu obras arquitetônicas e de infraestrutura urbana condizentes com sua privilegiada posição na geopolítica de colonização da Amazônia. A construção ficou a cargo da firma Coimbra Bueno, sediada no Rio de Janeiro. Em termos arquitetônicos, as obras construídas pela Coimbra Bueno em Cuiabá mesclaram formas de inspiração neocolonial (marcadas pela variedade volumétrica, presença de varandas, arcadas abertas ao exterior e frontões neobarrocos) com a horizontalidade, peso e simetria de suas fachadas classicizantes, erroneamente associadas ao *art déco* por historiadores locais. No primeiro grupo incluem-se a Residência dos Governadores, o Grande Hotel, o quartel do 16 BC, o Palácio Episcopal. No segundo, situam-se o Palácio da Justiça, a Secretaria Geral, a Escola Estadual, a Estação de Tratamento de Água e o Posto de Saúde.

Outro legado dessa fase modernizadora, a Avenida Getúlio Vargas interligou as “obras oficiais” de maior vulto e direcionou o crescimento urbano para a zona oeste a partir do centro antigo. Em contraste com o arruamento orgânico deste último, a Avenida Vargas adota, à custa de aterros, uma retilínea monumentalidade em desacordo com a topografia local. O mesmo se pode dizer de parte dos edifícios que emolduram sua “marcha para o oeste” da cidade. Os projetos executados Coimbra Bueno foram



concebidos à distância, na seção técnica da empresa carioca, o que ajuda a explicar tantas decisões *a posteriori*, no transcurso das obras. Se, em geral, a arquitetura das obras oficiais dialoga com a realidade urbana e social preexistente, o mérito deve-se, em boa medida, à intervenção do então funcionário da Coimbra Bueno encarregado de coordenar a execução dos projetos: o engenheiro Cássio Veiga de Sá, cuja trajetória profissional iria cruzar-se com história de gestação da arquitetura moderna em Cuiabá e Mato Grosso. Seu empenho no sentido de acomodar os projetos às demandas e limitações da realidade local foi determinante para viabilização das obras.

Não fossem as intervenções do engenheiro, a Casa dos Governadores estaria hoje em um terreno de apenas 20m de frente, incompatível com a extensão do seu programa e com o paisagismo envolvente que dá sentido às suas arcadas; o antigo Quartel 16 BC teria seu funcionamento e visibilidade comprometidos por uma rua de acesso com apenas 6m de largura e um recuo frontal insignificante se comparado ao afastamento atual, proposto por Cássio Veiga por questões estéticas e operacionais; sem mencionar as correções operadas na estrutura da Secretaria Geral e a ampliação do projeto original do Posto de Saúde.

Assim como a política de desbravamento do governo Vargas, o plano de interiorização econômica e rodoviária de Juscelino Kubitschek deixou marcas profundas na história da arquitetura mato-grossense. Se expedição Roncador Xingu, patrocinada por Vargas, está por trás das obras oficiais do governo Júlio Muller, a construção de Brasília constitui o pano de fundo para as obras do Palácio Alencastro, sede do governo estadual considerado o marco inaugural da arquitetura modernista em Mato Grosso.

Sempre difusas, as fronteiras dos ciclos históricos não se prestam a periodizações estanques. Esse fato não impede, contudo, que certas realizações mereçam o status de marcos inaugurais das tendências ou correntes arquitetônicas que se desenvolveram, sob sua influência, numa determinada região. Desse modo, a condição de marco não emana



apenas da precocidade da obra, da sua precedência cronológica, senão do alcance e força simbólica das suas formas.

O Palácio Alencastro, foi encomendado pelo governador João Ponce de Arruda (1956-61) ao escritório Monteiro Wigderowitz e Monteiro Ltda (CASTOR, 2013, p. 12). O edifício foi erguido sobre os escombros do antigo casarão Alencastro, sede anterior do governo. O projeto é de autoria dos arquitetos Benjamin Carvalho Araújo e Karl Sass (CASTOR, 2013, p. 215), em conjunto com os engenheiros Leopoldo Moreira, Júlio Stern e Cássio Veiga de Sá.

Erguendo-se em meio ao núcleo antigo da cidade, a estrutura arrojada do Palácio contrasta, ainda hoje, com as tipologias predominantes do centro histórico ao seu redor, de feição colonial ou eclético. Defronte à praça homônima que lhe dá acesso e visibilidade, o Palácio afirma-se como um volume autônomo na paisagem, um prisma isolado em uma paisagem urbana tecida por construções coladas umas às outras.

O edifício de sete pavimentos conforma um volume de base retangular suspenso em pilotis colossais cônicos. Possui estrutura de concreto armado revestida com placas de mármore – materiais pouco acessíveis à época, dado o isolamento geográfico da região. As empenas laterais cegas, contrastam com as generosas aberturas da fachada principal, tomada por brises horizontais metálicos. A influência de Le Corbusier fica patente na adoção dos conceitos de planta livre, fachada livre e terraço jardim, além dos mencionados pilotis. Notam-se semelhanças com o célebre edifício sede do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) – atual Edifício Gustavo Capanema –, inaugurado em 1943 no Rio de Janeiro: a conexão com a praça pública de acesso, implantação recuada dos limites do lote, empenas laterais cegas em contraste com a transparência das fachadas maiores, e o uso ostensivo de brises horizontais móveis. São características da corrente corbusiana presentes na Arquitetura Moderna Brasileira, em especial na vertente conhecida como Escola Carioca. Analisando-se a Figura 1, percebe-

se a expressão monumental e imponente destacada pelo contraste dos edifícios modernos com o entorno, de caráter predominantemente antigo, de gabarito relativamente baixo e de arquiteturas de feição colonial ou eclética. Os eixos ortogonais enfatizados pela arquitetura de ambos os edifícios garantem equilíbrio entre horizontalidade e verticalidade. Evidencia-se também o pilar de seção circular recuado em reação às esquadrias, de acordo com o conceito de fachada livre.



Figura 1 – Fotografia da área central de Cuiabá onde se destacam o Palácio Alencastro, (atual Prefeitura de Cuiabá), Igreja Matriz e Agência Central dos Correios. Autor: desconhecido, s/d.

Fonte: Cuiabá Antiga (<https://www.instagram.com/cuiabaantiga>).



Figura 2 – Fotografia do Palácio Alencastro à direita, e à esquerda o Getúlio Hotel. Autor: Victória Tapajós.

Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

A exemplo dos palácios de Brasília, o Alencastro foi concebido como um monumento cercado de verde. A praça que lhe dá acesso exibiu, originalmente, um caráter bucólico a justificar sua antiga denominação de Jardim Alencastro. O histórico jardim foi drasticamente remodelado ainda durante os anos 1960, perdendo parte das árvores, o chafariz, o caramanchão e o coreto metálico importado da Alemanha no início do século 20. Este foi substituído por um similar modernista, de cobertura circular estruturada em concreto. Quanto ao chafariz que adornava e abastecia a vizinhança, foi trocado por um fonte luminosa de concreto e ladrilhos, voltada unicamente à contemplação.

Entre a Praça Alencastro e o Palácio homônimo, uma área de transição menos arborizada garantia visibilidade ao monumento, prestando-se como local não apenas de passagem, mas também de encontro e manifestações públicas. Hoje, nota-se a inversão dessa lógica, com o edifício separado de uma praça parcamente arborizada por um área de acesso tomada por copas frondosas que obstruem a visão do prédio. Originalmente, contudo, as quatro escalas presentes no plano piloto de Brasília poderiam ser reconhecidas no entorno da moderna sede governamental: as escalas monumental, bucólica e gregária correspondiam, respectivamente, ao Palácio, à Praça Alencastro e à área intermediária entre eles. Quanto à escala residencial, responderá por ela o primeiro



condomínio vertical da cidade, erguido no final dos anos 1960, diante da mesma praça modernista.

O EDIFÍCIO MARIA JOAQUINA

Inaugurado em 8 de abril de 1969, o edifício Maria Joaquina é considerado o primeiro condomínio vertical de Cuiabá, localizado na Rua Cândido Mariano, nº 112, esquina com a Rua Pedro Celestino, no Centro Norte de Cuiabá, Mato Grosso. O edifício possui quatorze andares, além do térreo, mais a cobertura no terraço, com um total de 7.873,50 m², 524,90 m² por andar. O projeto foi encomendado ao engenheiro Cássio Veiga de Sá por dois sócios, os irmãos Filogônio Teodoro Ribeiro e Bráulio Ribeiro. A obra leva o nome da mãe dos dois empreendedores, falecida um dia depois da inauguração do edifício.

Antes da construção do Maria Joaquina, um outro projeto comercial desenvolvido pelo arquiteto Moacyr Freitas teria sido encomendado para o mesmo terreno . O projeto não executado seria para o Edifício Asteca, encomendado ao arquiteto pelos sócios Edmundo Rodrigues, Licínio Rangel e Lourival Barreto (FREITAS, 2018). No entanto, não foram localizados quaisquer registros desse projeto, tampouco informações acerca dos motivos pelos quais teria sido descartado antes da fase de execução. O que se pode afirmar, com base em Freitas (2018), é que o terreno foi posteriormente adquirido pelos irmãos Filogônio e Bráulio Ribeiro, que então contrataram o engenheiro Cássio Veiga de Sá como projetista do novo empreendimento residencial.

Durante a análise do acervo de Dilce Borges (2018), em que se encontra parte do projeto original do edifício Maria Joaquina, encontrou-se entre os documentos, registros de um outro projeto para o mesmo terreno de esquina. Também assinado pelo Eng. Cássio Veiga de Sá, o projeto do “Hotel Paiaguá” compunha-se de um bloco de 13 pavimentos, mais térreo e subsolo. No térreo, o saguão de acesso ao hotel dividiria



espaço com lojas comerciais, estando o subsolo reservado a serviços, instalações técnicas e depósitos. Com base nestes documentos pode-se deduzir que a concepção do Edifício Maria Joaquina foi antecedida por um projeto de hotel de mesmo porte, endereço e autoria.

Diante da falta de informações a respeito das reais motivações dos proprietários, especula-se que a idealização do hotel teria sido encorajada pelo crescimento demográfico de Cuiabá nos anos 1960, devido ao incentivo de ocupação da região amazônica, por parte do governo federal. Ainda assim, é possível que um hotel vertical de tal proporção não se sustentasse comercial e economicamente, a julgar pelo porte modesto dos hotéis construídos posteriormente na cidade pelos mesmos proprietários. Nessa perspectiva, um edifício residencial, em formato novo e moderno, no centro da cidade, poderia se mostrar mais rentável a curto prazo.

De acordo com os arquivos do intitulado Hotel Paiaguá, nota-se que a planta baixa do edifício assemelha-se com o projeto original do edifício Maria Joaquina. Os recuos, limites e acessos (Figura 3) configuram-se de uma forma muito similar. O documento mostra a previsão de quatro lojas próximas ao saguão do hotel. O tratamento da fachada, com brises e uma marquise que se ressalta do edifício e cobre a calçada indicam uma preocupação com o tratamento estético modernista, muito presente no Palácio Alencastro.

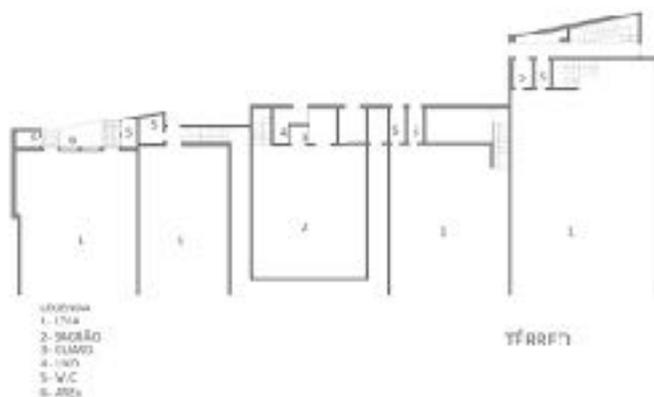
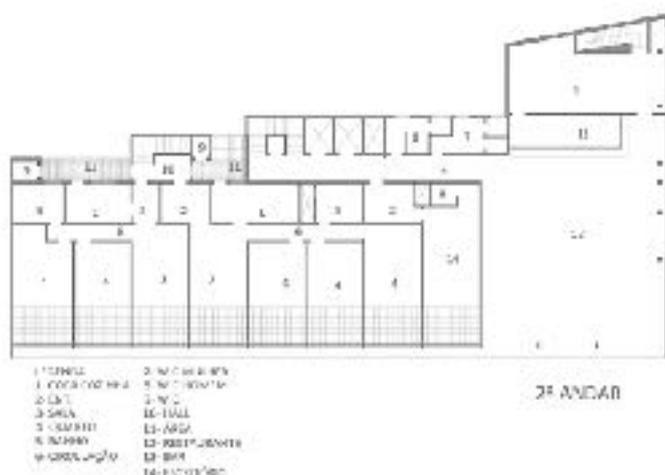
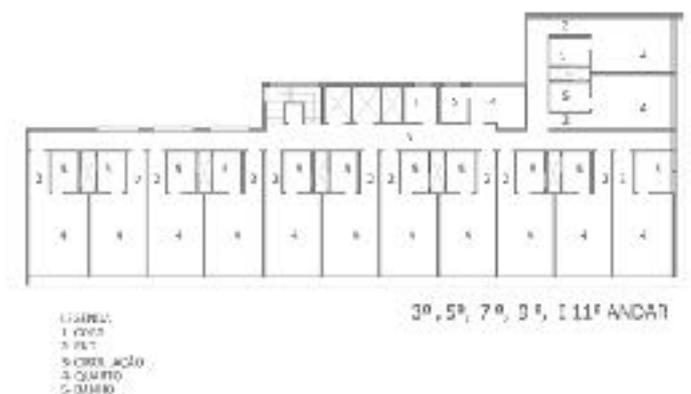


Figura 3 – Hotel Paiaguá. Planta baixa do térreo elaborada a partir do projeto original do Paiaguá Hotel.
 Fonte: elaborada pelos autores, 2018.



Figuras 4 e 5 – Hotel Paiaguá. Planta baixa do 2º pavimento e planta baixa tipo dos pavimentos 3º, 5º, 7º, 9º e 11º. Elaboradas a partir do projeto original do Paiaguá Hotel.
 Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

A partir da leitura dos arquivos, pôde-se constatar que a configuração de fachada do Hotel Paiaguá estaria muito próxima da fachada do projeto original do edifício Maria Joaquina, apresentada no item seguinte (Fig. 6)

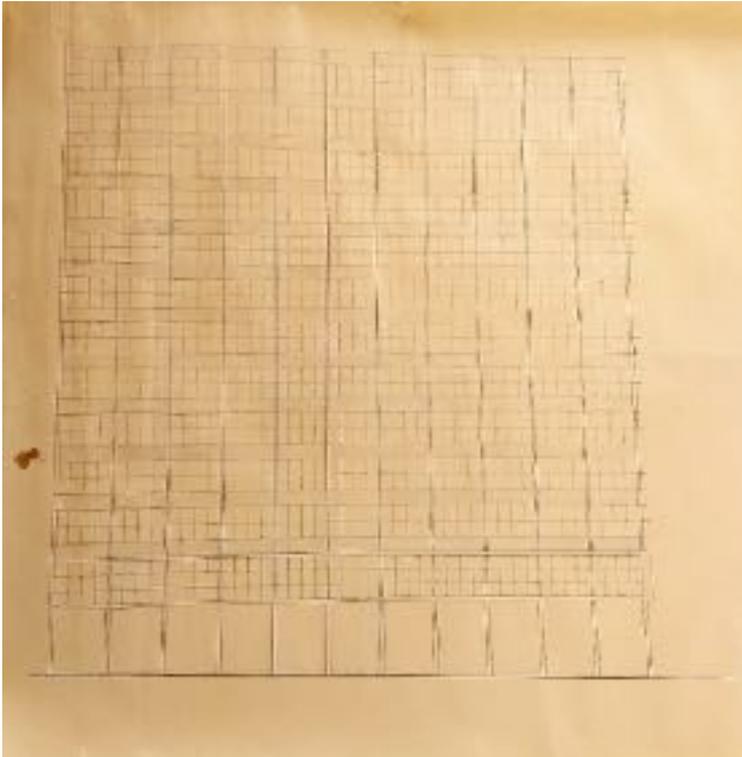


Figura 6 – Fotografia do projeto original do Edifício Maria Joaquina. Fachada da Praça Alencastro. Autor da fotografia: Evillyn Biazatti.
Fonte: acervo de Dilce Borges, 2018.

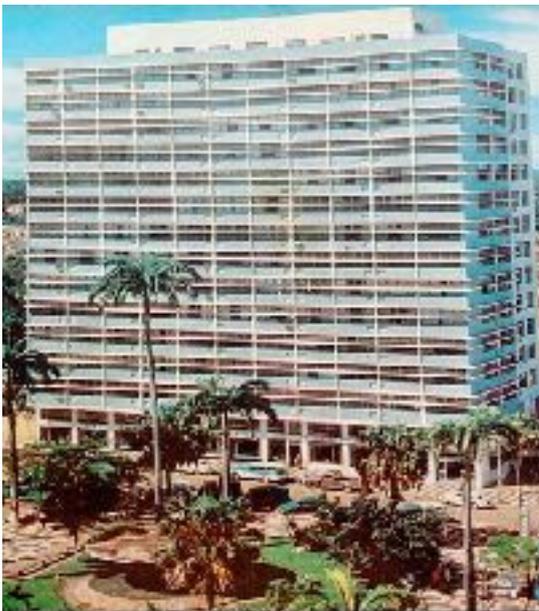


Figura 7 – Vista da fachada frontal do edifício Maria Joaquina. Autor: desconhecido, s/d.
Fonte: Cuiabá Antiga, 2018.

ED. MARIA JOAQUINA – O PROJETO



O atual edifício não foi executado com fidelidade ao projeto elaborado por Cássio Veiga de Sá. Diante da falta de informação a respeito dos motivos para as alterações ocorridas, pôde-se apenas supor algumas adversidades. Analisando-se os arquivos do projetos, não foram encontrados indícios do projeto definitivo, sugerindo que as alterações podem ter se processado durante a fase de execução.



Figura 8 – Colagem sobre fotografia exportada do Google Mapas. Projeção do Edifício Maria Joaquina segundo projeto original.
Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

O projeto foi elaborado para um terreno de esquina, relativamente pequeno e inclinado, comparado ao terreno do Palácio Alencastro (Fig. 9). Ao Eng. Cássio Veiga de Sá coube, projetar um edifício vertical, com máximo aproveitamento do terreno e respectivo do potencial construtivo, em uma linguagem tão moderna quanto a do vizinho Palácio Alencastro, inaugurado seis anos antes.



Figura 9 – Vista de satélite do centro antigo de Cuiabá. Em amarelo, o terreno da Prefeitura (Palácio Alencastro). Em vermelho o edifício Maria Joaquina de Moraes Ribeiro.
Fonte: Google Maps, 2018.

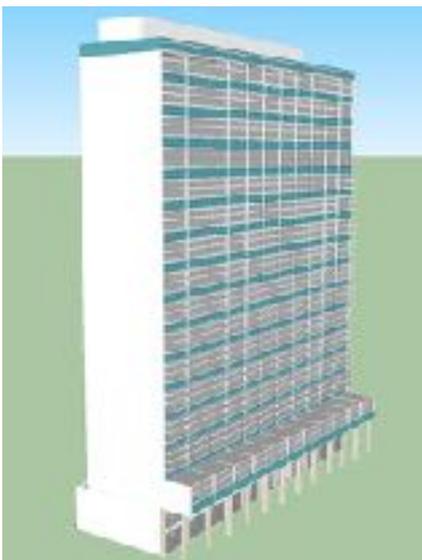


Figura 10 – Edifício Maria Joaquina segundo projeto original. Imagem exportada de maquete eletrônica elaborada no SketchUp.
Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

A laje do primeiro pavimento se projetaria na forma de uma marquise , protegendo a entrada do condomínio e das salas comerciais dispostas no térreo.

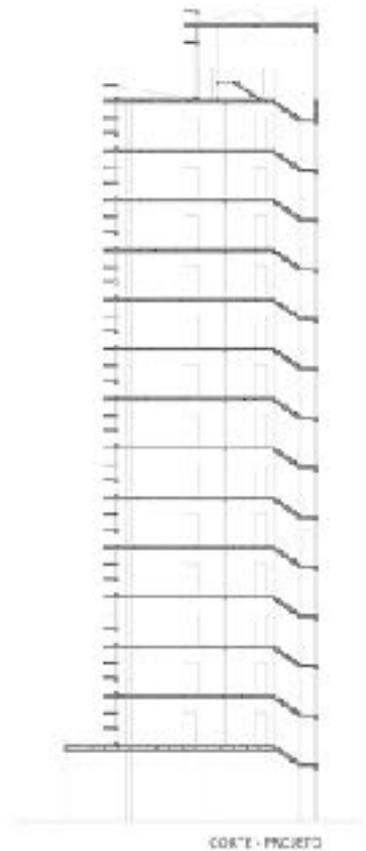


Figura 11 – Edifício Maria Joaquina. Corte AA' transversal. Elaborado a partir do projeto original do Edifício Maria Joaquina.

Fonte: elaborada pelos autores, 2018.



Figura 12 – Colagem sobre fotografia. Previsão do edifício conforme projeto original sobre o atual Maria Joaquina.

Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

A principal alteração sofrida pelo projeto original encontra-se na face frontal do primeiro pavimento, que avançaria sobre a calçada como um volume destacado da

superfície da fachada. Especula-se que o Código de Obras vigente no município tenha sido um dos motivos para essa alteração.

ED. MARIA JOAQUINA – CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO

O atual edifício compõe um conjunto com o Palácio Alencastro, atual sede do governo municipal, pelo fato de partilharem diversas características de uma certa arquitetura moderna de matriz corbusiana. As fachadas de ambos estão em destaque nos limites da praça Alencastro, o que favorece a visualização dos dois edifícios conjuntamente.



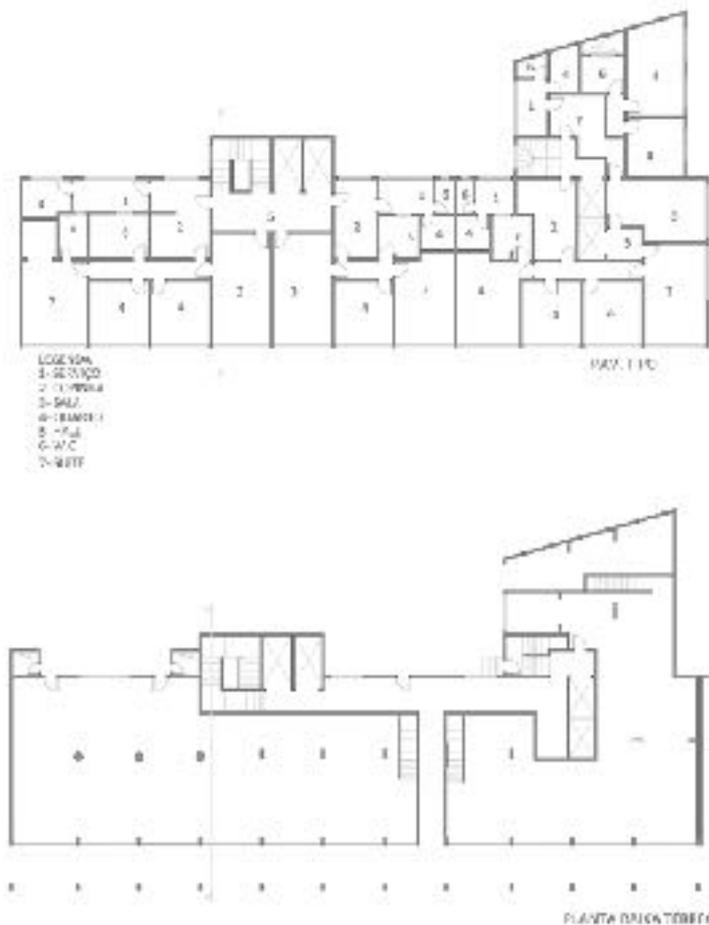
Figura 13 – Fotografia da década de 60, evidenciando o edifício Maria Joaquina em construção. Autor desconhecido.

Fonte: Secretaria de Cultura de MT, 2018.



Figura 14 – Recorte de jornal desconhecido, década de 90.
 Fonte: acervo de Dilce Borges, 2018.

Entre os comércios do térreo, situa-se um pequeno acesso à área residencial do edifício, que ocupa do segundo ao décimo quarto andar, pela Rua Cândido Mariano – vista da praça, e pela Pedro Celestino, onde há uma entrada de serviço (Fig. 16). O décimo quinto pavimento, onde há terraço e cobertura, é acessado, a partir do 14º pavimento, somente por escadaria. Há um pequeno apartamento em reforma, que segundo Borges (2018), esposa do atual síndico do prédio, chegou a ser a casa do zelador do edifício. Ainda no terraço, há um grande salão de festas de uso comum, com uma parte coberta e outra descoberta com vista privilegiada para cidade.



Figuras 15 e 16 – Planta baixa de pavimento tipo e planta baixa do térreo. Elaborado a partir do projeto original do Maria Joaquina.
Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

O fechamento da fachada, recuado em relação ao plano dos pilares e vigas indicam a tentativa de edificar uma fachada livre. As janelas em fita, reforçam a grandeza do vão e a horizontalidade, assim como os elementos de brise de concreto, percorrendo toda a fachada frontal. O revestimento em mármore do térreo, nos pisos e paredes, também se constitui um tratamento especial da linguagem da vertente da escola carioca no modernismo brasileiro.

Há, sobretudo, uma contradição no formato desta linguagem: quem observa o edifício ao caminhar ao seu redor, nota uma disparidade entre sua fachada voltada à praça e sua lateral, à Rua Pedro Celestino e ainda os fundos do edifício. A linguagem da fachada



voltada à Praça Alencastro não estabelece uma continuidade por todas as faces do edifício. Não se repete a mesma configuração de brises, janela em fita, recuo do fechamento em relação à estrutura. Essa configuração sugere uma fachada frontal, de tratamento especial em relação às demais vistas do prédio, o que é contraditória à recomendação corbusiana, para a qual o edifício deve valorizar as suas múltiplas fachadas, talvez razão para a implantação recuada dos edifícios no terreno, favorecendo a visualização de suas múltiplas fachadas. O projeto original prevê a continuidade dos brises para a lateral do edifício, como nota-se na figura.



Figura 17 – Fotografia do projeto original não executado do residencial, assinado por Cássio Veiga de Sá. Vista da Rua Pedro Celestino. Autor: Evillyn Biazatti. Fonte: acervo de Dilce Borges, 2018.



Figura 18 – Fotografia da fachada do edifício para a Rua Pedro Celestino. Autor: Paulisson Miura, 2013.
Fonte: Flickr, 2018

Em relação ao projeto original, além dos brises que deveriam estar em todos os lados do edifício (não só na fachada principal e laterais), consta também a presença de três brises na constituição da fachada, não apenas dois. Especula-se que não execução de uma dessas faixas de brise deve-se, provavelmente em razão de uma redução no custo orçamentário da obra.



Figura 19 – Vista da calçada da fachada da Praça Alencastro. Autor: Evillyn Biazatti.



Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

Segundo Dilce Borges (2018) e, com base no acervo de projeto, o edifício constitui-se de duas torres, formando dois blocos. Os pavimentos do edifício são compostos de quatro apartamentos por andar, sendo que, com exceção do térreo, cobertura, sobrelojas e subsolos, os dois blocos não possuem comunicação direta. O bloco do lado direito, tomando-se como referência o ponto do observador na Praça Alencastro, possui dois elevadores (um de serviço e um social) de acessos distintos: o social fornece acesso às duas entradas sociais, e o de serviço dá acesso aos fundos dos apartamentos. O lado esquerdo possui outros dois elevadores – social e de serviço, um ao lado do outro, os quais dão acesso aos outros dois apartamentos da esquerda. Os acessos por escadaria também são independentes por bloco. Contudo, o terraço e cobertura (Fig. 20) só podem ser acessados pela escadaria do bloco do lado esquerdo.



Figura 20 – Vista do terraço do edifício. Autor: Evillyn Biazatti.
Fonte: elaborada pelos autores, 2018.



Figura 21 – Vista lateral do edifício Maria Joaquina, da Rua Pedro Celestino. Autor: Evillyn Biazatti. Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

ED. MARIA JOAQUINA HOJE

O edifício passou por algumas reformas ao longo dos anos, mas nenhuma no seu tratamento da fachada ladrilhada. A maior reforma ocorrida no edifício foi no sistema de instalação hidráulica e elétrica, no ano de 2014, que consta como a primeira reforma neste sistema, e até agora a única neste sistema (BORGES, 2018). Nessa perspectiva de reformas, a grande parte das alterações do edifício ocorreu e ainda ocorre nos apartamentos privativos. Contudo, porém existe ainda um apartamento que conserva boa parte das características originais.

A proprietária deste exemplo chama-se Edite Brechtel, senhora nascida na Alemanha, vinda ao Brasil ainda jovem, dona de três apartamentos no Maria Joaquina. Edite foi a primeira moradora do edifício, chegando a se instalar nele antes mesmo da sua inauguração (BRECHTEL, 2018). O apartamento do 7º pavimento, nº 704, bloco da esquerda conserva quase todas as suas características originais, especialmente nas suas áreas molhadas. A maior alteração no apartamento foi a substituição do piso de taco por



cerâmica, em razão do estado de conservação da madeira degradada. No entanto, as áreas molhadas, como cozinha, banheiro e lavanderia, ainda possuem os azulejos e portas originais.

No banheiro, além do azulejo, continuam instaladas as louças originais (vaso, pia, banheira). As portas e tons do apartamento estão em harmonia cromática azulada, em ornamento com os tons brancos das portas. Ademais, também há peças de mobília que são da configuração original do apartamento, à época da mudança de Edite ao edifício, como armário embutido na parede do banheiro, boa parte dos mobiliários do quarto de Edite, sobretudo os guarda-roupas meio embutidos na parede.



Figura 22 – Piso original da lavanderia do apartamento nº 704, propriedade de Edite Brechtel. Autor: Evillyn Biazatti.
Fonte: elaborada pelos autores, 2018.



Figuras 23 e 24 – Móvel original do banheiro, conservada desde a compra do apartamento. Autor: Evillyn Biazatti.

Fonte: elaborada pelos autores, 2018.

Faz-se importante ressaltar que o edifício não possui estacionamento próprio. À época de inauguração, os automóveis permaneciam estacionados nas ruas do entorno. Hoje, a maioria dos moradores do prédio aluga vaga para seus carros em estacionamentos rotativos e mensais nas proximidades, como um meio alternativo.

É evidente que o edifício mantém destaque, ainda hoje, em relação ao seu entorno, seja por seu contraste em conjunto ao Palácio Alencastro, seja por sua implantação em uma topografia mais elevada, o que garante boa visibilidade do edifício aos transeuntes do Centro de Cuiabá.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo, tornou-se possível situar a o projeto do edifício Maria Joaquina no quadro geral da arquitetura moderna brasileira, com destaque para a “escola carioca” e o legado do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Ainda que discretamente, princípios corbusianos foram incorporados ao projeto do edifício residencial, bem como no estudo para o não executado Hotel Paiaguá, como pôde-se observar nos arquivos originais desses projetos. Viu-se que a obra desviou-se de alguns princípios norteadores do modernismo contidos no projeto original, em decorrência de adversidades de ordem



legal e financeira enfrentados durante sua execução. Contudo, análise empreendida evidencia que o edifício filia-se claramente à tradição da arquitetura moderna consagrada no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930, constituindo-se em um dos primeiros ícones da produção modernista em Cuiabá. As particularidades do projeto, as circunstâncias que cercaram sua execução, da implantação aos detalhes construtivos, retratam uma fase da arquitetura regional marcada pela busca de compatibilização do progresso com a tradição local. De um lado, a imagem da nova arquitetura a simbolizar a então iminente integração do Estado à economia nacional, de outro, o apego aos valores locais ameaçados pelas transformações em curso. Nenhum outro edifício traduz de uma forma tão explícita as contradições desse processo de modernização conflituosa. A dicotomia entre a parte social das moradias, junto à fachada frontal de linhas modernistas, e o setor de serviços voltados para o fundo é sintomático da superficialidade do conceito de modernidade então importado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Dilce. **Depoimento concedido a Evillyn Biazatti de Araújo e Victória Ferreira Soares Tapajós.** 24 jan. de 2018. Cuiabá: Residência Borges, Edifício Maria Joaquina, 2018.

BRECHTEL, Edite. **Depoimento concedido a Evillyn Biazatti de Araújo e Victória Ferreira Soares Tapajós.** 08 mar. de 2018. Cuiabá: Residência Brechtel, Edifício Maria Joaquina, 2018.

CASTOR, Ricardo. S. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

CASTOR, Ricardo S. **Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato Grosso: Confrontos da segunda metade do século 20.** 2010. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3637>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CUIABÁ ANTIGA. Instagram. 2018. Disponível em: <<https://www.instagram.com/cuiabaantiga/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

FREITAS, Moacyr. **Depoimento concedido a Ricardo Silveira Castor.** 16 jun. de 2018. Cuiabá, 2018.



MATO GROSSO. Governo do Estado de Mato Grosso. Secretaria de Estado de Comunicação Social. **Fotos históricas:** Banco de Imagens. 2018. Disponível em: <<http://mtgaleria.secom.mt.gov.br/arquivo/16>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

NEWS, Mídia; LEMOS, Vinícius. **Conheça a história e as curiosidades do primeiro edifício de MT.** 2016. Disponível em: <<http://www.midianews.com.br/cotidiano/conheca-a-historia-e-as-curiosidades-do-primeiro-edificio-de-mt/269106>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

RAJA, Raffaele. **Arquitetura pós-industrial.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EdUsp, 1999.